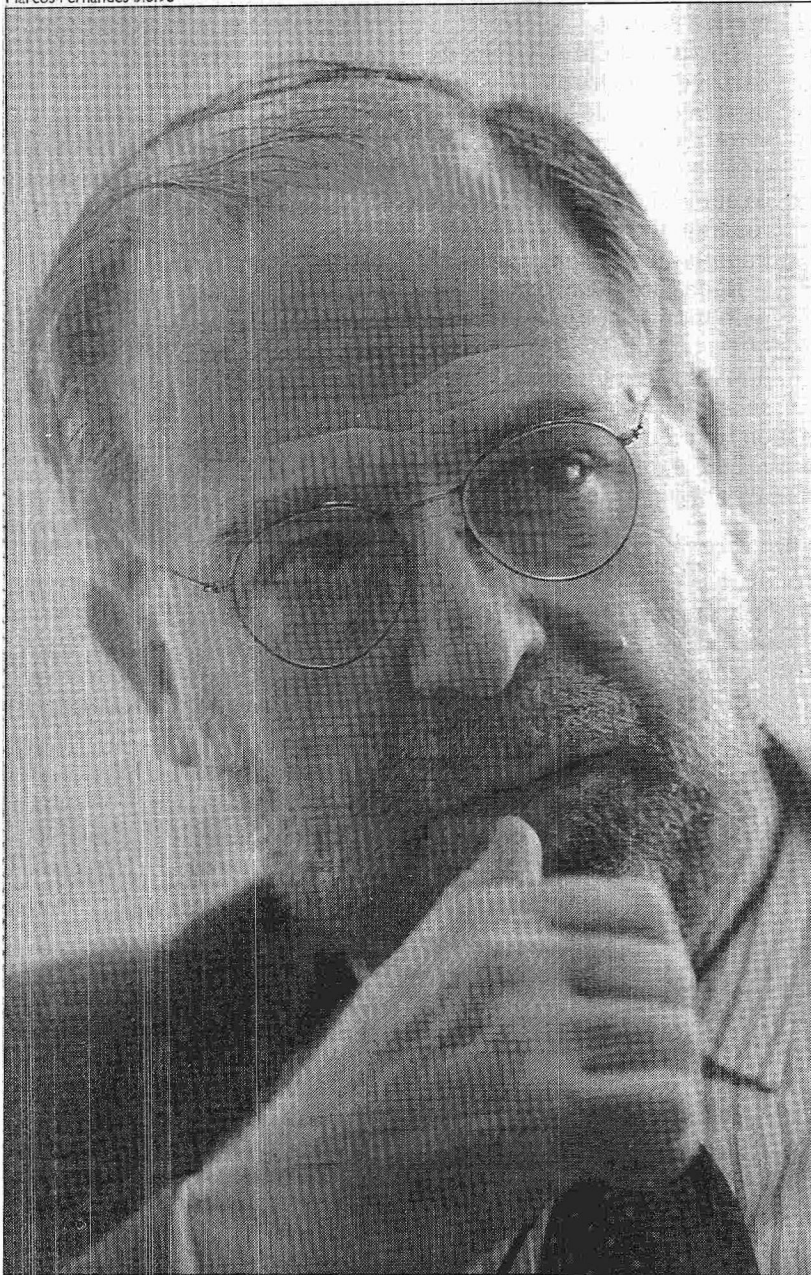


CRISE VIRA ARMA ELEITORAL

Marcos Fernandes 5.6.98



Marco Aurélio Garcia: "Lula tem paciência e humildade para nos ouvir"

Ana Beatriz Magno
Da equipe do **Correio**

Para sair da crise, o PT entrou na crise. Os comandantes da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato da Frente das Oposições a presidente, decidiram abandonar o silêncio sobre temas econômicos e passaram a tratar do vendaval das bolsas de valores. Cinco economistas petistas e um cientista social do PDT tomaram café da manhã, ontem, em São Paulo, com jornalistas econômicos dos principais jornais do país.

Com a intenção de acabar com a pecha de que a oposição não entende de economia, os especialistas avaliaram a situação mundial das bolsas, as repercussões no Brasil e mostraram as propostas para enfrentar as turbulências. Aí, porém, não são unânimes. Alguns exemplos:

Jorge Matoso, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), defende um maior controle do câmbio com adoção de normas mais rígidas como, por exemplo, a redução das contas que permitem a evasão de divisas. "Instrumentos como a CC5 (conta usada pelos investidores para mandar dinheiro para o exterior) estão permitindo a saída de até R\$ 800 milhões por dia. Acabar com esses ralos é a melhor maneira de defender o real e as reservas nacionais", diz o economista e vice-coordenador do programa de governo de Lula.

Reinaldo Gonçalves, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mais radical. Sugere a reversão do processo de li-

beralização cambial, comercial e financeira. "Isso tem que ser feito, e rápido, porque não dá para segurar muito tempo", disse.

Já Guido Mantega, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), quer o controle do câmbio restringido ao momento de "ameaça de ataque especulativo ou grande fuga de capitais".

Outros como Paul Singer, ex-secretário municipal de Planejamento de São Paulo, e Aloisio Mercadante, economista e candidato a deputado federal pelo PT paulista, preferem decisões regionais e pregam a criação de um "sistema internacional de pagamentos" e definição de regras contratuais entre os países. "Se a crise se aprofundar, é preciso defender a estrutura produtiva e as reservas, tomando medidas lideradas pelo Brasil e pactuadas com o Mercosul", diz Mercadante. "O câmbio não pode flutuar malucamente, sem regras", completa Singer.

Mercadante e Mantega propõem também atuação mais forte sobre o déficit comercial, com a redução de importação de bens supérfluos e um programa mais agressivo de exportações, principalmente de produtos agrícolas. "Sem pedir licença para

ninguém, nós podemos tomar medidas para cercar a entrada de importados no país", explica Mantega.

CONSENSO

José Dirceu, presidente do PT, minimizou os perigos de um eventual governo de Lula abrigo tantas opiniões divergentes sobre o mesmo tema. "O controle cambial é consenso entre nós", diz Dirceu. "Não somos governo. Se fôssemos, começaríamos a reverter todo o sentido da política econômica."

A idéia de botar os economistas para falar surgiu na segunda-feira, 24 de agosto, quando os coordenadores da campanha concluíram que estava ultrapassada a decisão anterior de só entrar nos temas econômicos para dizer que a estabilidade seria mantida. Estavam escalda-

dos com o fracasso de 1994, quando Lula detonou o real durante a campanha e acabou perdendo a eleição. "Sempre trabalhamos com vários cenários econômicos, mas optamos primeiro por não falar sobre eles para que a população não pensasse que a gente estivesse agourando", explica Jorge Matoso. "Agora, percebemos que a crise veio para ficar, não será resolvida imediatamente e

tem sido acentuada pela política econômica do governo. Por isso mudamos de estratégia", completa.

Assim que resolveram botar a economia na campanha, os partidos de oposição formaram um grupo de especialistas para orientar Lula regularmente sobre a crise mundial. Com o agravamento da crise, passaram a se reunir quase todos os dias em São Paulo. Hoje, por exemplo, Lula ouvirá deles novas avaliações. "Ele tem paciência e humildade para nos ouvir", diz Marco Aurélio Garcia, sociólogo e coordenador do programa de governo do PT.

O primeiro sinal de que algo mudava dentro da campanha de Lula foi dado no sábado passado, quando o candidato apareceu no programa de televisão falando sobre a crise das bolsas, criticando a maneira de o governo tratá-la e sugerindo medidas genéricas para combatê-la, como a defesa da moeda e das reservas internacionais.

SUGESTÕES GENÉRICAS

Naquela noite, com uma bandeira nacional ao fundo imitando o cenário de pronunciamentos de presidentes, Lula disse também que o governo brasileiro tem escondido dados, que a crise é séria, mas não explicou o que era a crise nem contou que dados o governo estaria escondendo.

"Foram sugestões genéricas e a avaliação da crise ainda estava com muito adjetiva. Precisamos ter objetividade para o povo confiar na nossa capacidade de enfrentar o problema", reconhece um dos economistas, próximo de Lula. "Isso vai mudar", promete.

"O CONTROLE CAMBIAL É
CONSENSO ENTRE NÓS.
NÃO SOMOS GOVERNO.
SE FÔSSEMOS,
COMEÇÁRIAMOS A
REVERTER TODO O
SENTIDO DA POLÍTICA
ECONÔMICA"

José Dirceu,
presidente do PT